

Comentário

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade,¹ Rio de Janeiro

*A vida é maior do
que as dificuldades.*

IGNÁCIO A. PAIM FILHO e

HAYANNA CARVALHO SANTOS RIBEIRO DA SILVA

Acerca de relações raciais no divã: rupturas com o pensar e o fazer branco

O primeiro pensamento que me ocorre ao iniciar esta nota é o conceito de *quilombo* – sociedade de guerreiros itinerantes e habilidosos que resistiam à dominação colonial (André, 2024). Ignácio A. Paim Filho e Hayanna Carvalho Santos Ribeiro da Silva integram esse espírito de luta pela liberdade de ser, pela descolonização do ser (Fanon, 1961/2002). Na minha interpretação, eles evocam a força quilombola e a potência da disciplina psicanalítica para a travessia das práticas clínicas de influências fortemente europeias para uma nova clínica – a ser fundada –, que reconheça raça e racismo, que seja antirracista, e que se habilite para lidar com o sofrimento psíquico de pessoas negras.

De forma alguma se trata de uma passagem de fácil evolução, pois ela encontra desconcerto, desavença e obstrução por parte da própria estrutura das instituições brasileiras, e de países que foram colonizados, construídos por “normatividades brancas, impostas por concepções de caráter universal e hierárquico”, que desconsideram e “verticalizam saberes, povos, raças, culturas”. Assim, a nossa formação, marcadamente influenciada pelas culturas indígena e africana, teve escindida, no contexto da história e das análises políticas e econômicas, as intervenções desses povos em todos os campos da construção e das relações no Brasil.

A proposta dos autores é cara à psicanálise, pois convoca os psicanalistas ao trabalho por mudanças, à possibilidade de recuos para avançar ou, como na simbologia Sankofa dos povos de Gana, a voltarem para pegar o que abandonaram, a recordarem os erros do passado para não os repetir no presente e no futuro (“Sankofa”, 2024). Um dos valores do pensamento psicanalítico reside justamente na inquietação e na coragem de Freud de rever as suas teorias a partir da observação clínica e dos limites impostos por ela, e de voltar atrás. Com tenacidade e capacidade de autocrítica, Freud

1 Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

reescreveu e ampliou a sua obra, do mesmo modo que tomou para si o compromisso psicanalítico de crítica à cultura.

Pois, servindo-se da poesia que alimenta e inspira, dispondo de seus conhecimentos e recorrendo à experiência encarnada, Paim Filho e Silva desenvolvem o trabalho persistente de reflexão conceitual e retomam referências de autores brasileiros da diáspora africana e da obra de Freud para com eles nos mostrar como os mecanismos de poder, apoiados pelo racismo e por outras formas de opressão, operaram complexos atos denegatórios que dominaram a cultura, a sociedade brasileira e, por conseguinte, a psicanálise que praticamos.

Para além das referências pessoais, eles especificam que a escuta analítica tem na atualidade a demanda de enegrecer, “uma demanda de negrura na transferência”. Pontuação importante. Significa que o psicanalista precisa sair da sua bolha, situada nas zonas abastadas das grandes cidades, olhar ao seu redor, aproximar-se da realidade, da população e da história, para assim “tentar compreender os efeitos psicossociais da raça e do racismo na vida dos sujeitos brancos” (Schucman, 2020). Entretanto, essa mirada implica o reconhecimento de que indígenas e negros são fixados no imaginário social pela raça, enquanto brancos são identificados como superiores, detentores da norma e dos poderes social, político e econômico, reproduzindo eficientemente fenômenos seculares que efetuam discriminação e desigualdades. Se isso não é pensado e fica sob o tapete da história, denegado e recalcado, mantém-se o modo narcísico e excludente de a brancura achar feio, inferior e subalterno o que não é espelho e, do mesmo modo, a branquitude preserva-se como a senhora do merecimento, da beleza e da humanidade. Ora, se o sujeito branco não se define como tal, se não se conscientiza de todos os benefícios a ele inerentes, nem a respeito dos conflitos observáveis nas relações sociais, nas interpessoais e na intrapsíquica, se ele não se racializa, como fica a escuta da alteridade? Como ficam as relações raciais no divã?

Paim Filho e Silva nos propõem a simbologia do ensaio “A conquista do fogo” (Freud, 1932/2010) como um caminho para compreender a dinâmica pulsional diante das relações raciais – cujo modelo mantém a estrutura do poder e do saber do sistema político colonial, ainda que esse período tenha terminado. Destacam-se no ensaio de Freud o desejo, a renúncia pulsional e a hipótese simbólica sobre a origem da cultura. O fogo com as suas labaredas falcizadas, o movimento pulsional incessante, “a restauração dos desejos libidinais após sua extinção mediante a saciedade, ou seja, sua indestrutividade” (p. 405), e a possibilidade de contenção e de renúncia, pelo mecanismo do recalque na negociação pela vida em sociedade, são marcos importantes desse texto, que se utiliza do fogo como metáfora daquilo que nos distingue como seres humanos. Sexualidade, natureza e cultura estão imbricadas nessa concepção freudiana, e o que considero fundamental é que a cultura habita o sujeito do inconsciente, o qual, por seu turno, constrói-se na dependência

do outro, e essa dependência já o põe em situação de afetação por tais forças. Nesse sentido, as ideias e os ideais fundados no período da colonização podem até estar sob recálque, mas eles trabalham e escapam pelos sintomas por entre os quais observamos a continuidade de práticas seculares.

Dentro de uma mesma cultura-nação, coexistem modos diferentes de vida, e se indígenas e afro-brasileiros chegaram até aqui, apesar do extermínio de parte dessas populações, foi justamente por terem criado recursos para sobreviver à barbárie. Os quilombos, os mocambos,² os terreiros, as aldeias foram algumas das maneiras de resistir, mas no dia a dia existiam milhares delas, tantas quantos eram os sujeitos indígenas e negros, e continuam a existir.

Paim Filho e Silva reverberam o clamor dessas vozes, e ouve-se, na leitura de seu texto, os brados por escuta, e testemunha-se, pelo próprio pensamento e trabalho de escrita desses autores, a árdua labuta de sacudir “as cinzas, que visam encobrir as brasas que mantêm vivas suas concepções de mundo, centradas na proposição de um ‘bem-viver’ compartilhado pelos diferentes tipos de humanidade”.

A noção de universalidade do saber é uma construção histórica marcada por interesses eurocêtricos, em que pensadores brancos europeus enquadraram outras culturas a partir de seus próprios parâmetros. Invariavelmente esse processo esteve associado ao apagamento sistemático – ou epistemicídio – de conhecimentos e de tradições de civilizações indígenas e africanas. Trata-se de uma ficção sustentada pela ideia de que, mesmo no campo das subjetividades, seria possível alcançar uma imparcialidade científica apenas por meio da adesão aos métodos prescritos pelas instituições e pelos saberes hegemônicos (Medeiros, 2022).

Os autores evocam a sabedoria ancestral – que entrelaça o entendimento de que o ser humano e os demais seres vivos, os objetos da natureza têm alma e importâncias equivalentes para o universo, com a ideia de muitos deuses e deidades, que por sua vez são representados por elementos da natureza e dotados da dualidade humana. Para afirmar outras visões de mundo, outras maneiras de viver nas quais o coletivo tem relevância marcante, referem-se a outras culturas que integram o mosaico da cultura brasileira. Desde a origem do Brasil, os povos que aqui estavam e aqueles que viriam a construir os quilombos têm essa pacificação na relação com a natureza e as suas produções voltadas para o bem-viver comum. “Exercitam a busca por uma biointeração ... entre as forças da natureza externa e da psíquica. Concepção de mundo diametralmente oposta à da cultura orientada pelo monoteísmo, com seus interditos sagrados.”

Paim Filho e Silva apontam que o mal-estar na “cultura brancocêntrica” é marcado de maneira intensa pela limitação imposta ao sujeito no livre acesso aos seus próprios desejos, e soma-se a isso a adesão pulsional às normas, às

exigências, aos interesses e aos ideais impostos pela cultura ocidental. Guiados por princípios fundados no Brasil colonial, prevalecem a desconsideração às diferenças, a exploração contumaz dos sujeitos minorizados e um modo único de administração do capital, ainda que milhões de pessoas sejam prejudicadas – a desigualdade é a tônica, e a humanidade do outro permanece desconsiderada, levando-nos a um cenário de guerra em que morre um jovem negro a cada 23 minutos, dizem-se tribos indígenas e avança-se em direção às suas terras. O bem comum é reserva para os mesmos, e o capital-moeda permanece nas mãos e sob o controle dos mesmos senhores, ou melhor, de seus descendentes.

Por trás dos arranjos econômicos operam não apenas uma estratégia política e uma concepção de ser humano, mas também um modo específico de administrar o mal-estar inerente à vida em sociedade, frequentemente à custa do recalque, da desigualdade e da alienação. Tais arranjos impõem um alto custo psíquico na vida dos sujeitos não brancos, pois são eles que estão na base da pirâmide social, são eles que estão na sustentação dos serviços, são eles que fazem a engrenagem econômica do país funcionar, são eles que têm a sua libido sugada e desviada para o investimento no conforto da branquitude.

Portanto, não se trata de medidas econômicas neutras. Elas refletem uma cultura específica, uma visão particular de ser humano e de estratégias políticas bem definidas, que devem ser cuidadosamente examinadas (*O neoliberalismo na América Latina*, 1996), sobretudo se desejamos mudanças no campo psicanalítico.

Paim Filho e Silva fazem essas análises com enfoque na metapsicologia e, trocando em miúdos, entendemos que tudo que é humano está no humano, não importa a raça, a religião, o gênero, mas os olhares enviesados e condenatórios se voltam para as criaturas negras, assim como todos os atributos negativos. Os autores ressaltam o recalque do sujeito branco, o seu acordo judaico-cristão para livrar-se do mal, projetando-o nos não brancos. Destacam o sequestro do fogo da paixão do homem negro: a sua soltura, o afrouxamento do recalque, gerando maior liberdade com o seu corpo e o seu desejo. Lembrei-me do filme *Corra* (2017), de Jordan Peele, em que o diretor exibe de maneira excepcional o drama do homem negro. Na trama ficcional de terror, um homem afro-americano visita a família de sua namorada branca e muito bem posicionada na vida. Pouco a pouco, o namorado descobre que estava ali para ter a sua alma sugada; a família desejava o seu interior, as suas capacidades, a sua alegria e vida subjetiva. Ou seja, eles queriam tudo que era daquele rapaz por julgarem que se tornariam mais potentes. Ele, por sua vez, tornar-se-ia um corpo vazio e dessubjetivado, se não descobrisse isso a tempo de livrar-se deles. Como dizem os autores, esse sequestro “das forças pulsionais de vida e de morte é o fator operante, por excelência, no processo de criar e manter a subalternização”. Observa-se esse mecanismo em várias instâncias da vida social – no campo das artes, particularmente na música, chega a ser vergonhoso. O que assistimos é a comunidade negra criar

e outro grupo social se enriquecer com as suas criações. Foi assim com o samba, com o funk, com as escolas de samba e com a própria construção do Brasil. Os afro-brasileiros raramente têm acesso àquilo que criam e, quando têm, é pela porta dos fundos.

O texto segue argumentando psicanaliticamente sobre a necessidade de mudança de postura, de estudo, de aproximação do pensamento produzido por intelectuais que trabalham a descolonização do pensamento. Há uma preocupação em criar dispositivos que orientem os psicanalistas, em sua maioria brancos, a terem uma escuta implicada com essas questões, para que não fiquem surdos quando os traumas e os impactos do racismo adentrarem os consultórios.

Repetidas vezes escutam os pessoas negras dizerem que não se sentiram compreendidas em terapias anteriores, conduzidas por terapeutas brancos. Muitas dizem ter se sentido desmentidas ao narrarem episódios de sua vida cotidiana. A violência é maior quando alguém nomeia como paranoia, insegurança, desconfiança ou fantasia inconsciente uma experiência que, pelo excesso, empurrou o sujeito mais fundo em seu desamparo, deixando-o sem palavras que possam dar significado à experiência vivida. Bion tem uma frase interessante que cito para contribuir com a discussão: ele diz que “o que importa é o desconhecido e nisso o psicanalista deve focalizar sua atenção” (1970/1973). Para isso, o psicanalista precisa ter a disposição de vir a conhecer, se pôr em uma posição de escuta radical, não antecipando aquilo que não conhece. Essa postura é para todos que atravessam a porta do consultório, não importa a raça, pois o tema de que tratamos chega também com os brancos, muitas vezes em narrativas violentas que precisam encontrar lugar no analista para que venham a ser iluminadas para o analisante. “Os analistas podem ter de aceitar que os avanços em compreensões internas têm de ser acompanhados de mais análise” (Bion, 1970/1973, p. 74). O analista precisa estar em constante revisão de si mesmo para se pôr em tal posição e para ficar frente a frente com os próprios preconceitos que o ensurdecem.

Falamos de uma herança maldita que vem na carne, nos sonhos, vem desde o imaginário dos avós, que colou nos pais, que, no que lhes diz respeito, também trazem a marca invisível de dores atávicas. Falamos, do mesmo modo, de uma herança bendita que nos trouxe até aqui. Observa-se certo senso de responsabilidade com a vida e boa dose de tolerância diante da adversidade, o que pode nos capacitar para conceber, gerar soluções criativas – pulsão de vida. A pujança dessa herança está em tudo que forma a nossa cultura, elementos que penetraram várias dimensões da vida e do prazer, como a culinária, a estética, a música, a linguagem, a dança etc., mas que não ganham o devido reconhecimento pela força do pacto da branquitude ou, se ganham, é para o benefício próprio – não significa aceitação e respeito, mas exploração.

Entretanto, como dizem Paim Filho e Silva, “a vida é maior do que as dificuldades”. Talvez tenha sido essa capacidade de resistir o que atraiu a

família branca do filme *Corra* e os vampiros do filme *Pecadores* (2025), de Ryan Coogler, no qual a opressão e a vampirização dos afro-americanos dão o tom dramático, um suspense elaborado de maneira brilhante.

Acompanhados de Abdias Nascimento, Augusto Paim, Beatriz Nascimento, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza, Cida Bento, Renato Nogueira, para citar alguns negros que eles trazem consigo, além de outras referências psicanalíticas, Paim Filho e Silva redigiram uma coleção de informações fundamentais para os psicanalistas que desejam se interrogar quanto às indagações que estão postas pelos movimentos sociais, por intelectuais críticos da psicanálise pouco porosa às demandas socioculturais e por potenciais analisantes “com a sua história, com as suas dores, com as suas escolhas e com as suas relações, cansados de serem conduzidos pela surdez narcísica do analista que os encaminha por terrenos alienados do seu desejo” (Cidade, 2025). Com seu espírito inquieto e agenciador de mudanças, os autores propõem uma clínica racializada, ou melhor, fazem aberturas para um novo horizonte em construção, para a busca de novas cartografias que nos orientem. Isso será promissor se os vários caminhos sugeridos por eles em seu texto puderem se desdobrar em outras e outras palavras, e em ações.

Referências

- André, T. (Apresentador). (2024). Palmares: deus das guerras (n. 4) [Episódio de podcast]. In *História Preta*. Studio Duna. <https://tinyurl.com/3rwr5nvx>
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos* (C. H. P. Afonso, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Cidade, W. M. C. F. (2025). *Implicações psicanalíticas diante do preconceito e da discriminação: estratégias de intervenção e reparação* [Apresentação de trabalho]. Webinar Fepal.
- Coogler, R. (Diretor). (2025). *Pecadores* [Filme]. Warner Bros. Pictures.
- Fanon, F. (2002). *Os condenados da terra* (E. A. Rocha, Trad.). UFFJF. (Trabalho original publicado em 1961)
- Freud, S. (2010). A conquista do fogo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., pp. 399-407). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)
- Medeiros, D. (2022). O cenário está pronto. In R. França & R. Jonathan (Orgs.), *Pretagonismos*. Agir.
- O neoliberalismo na América Latina: carta dos superiores provinciais da Companhia de Jesus da América Latina*. (1996). Loyola.
- Peele, J. (Diretor). (2017). *Corra* [Filme]. Blumhouse Productions; QC Entertainment; Monkeypaw Productions.
- Sankofa. (2024, 22 de novembro). In *Wikipédia*. <https://tinyurl.com/425cpfpv>
- Schucman, L. V. (2020). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. Veneta. <https://a.co/d/7VAnJHG>

Recebido em 3/6/2025, aceito em 10/6/2025

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

waniacidade@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.14